



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9154 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA: DESAFIOS APONTADOS POR PROFESSORAS

Cancionila Janzkovski Cardoso - UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

Sandra Regina Franciscatto Bertoldo - UFMT - PPGE Rondonópolis - Universidade Federal de Mato Grosso

Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues - UFMT/Campus de Rondonópolis - Universidade Federal de Mato Grosso

ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA: DESAFIOS APONTADOS POR PROFESSORAS

Resumo

Devido à pandemia decorrente do coronavírus (SARS-COV 2), escolas foram fechadas e o ensino teve que passar por reconfiguração. O objetivo deste texto é refletir sobre desafios enfrentados por alfabetizadoras com o ensino remoto emergencial. Os dados compõem uma pesquisa interinstitucional, do tipo survey, organizada pela Rede de Alfabetização. A análise se vale da perspectiva sociodiscursiva da alfabetização. Os resultados evidenciaram que as questões estruturais (de docentes e discentes), somadas ao despreparo de secretarias e Ministério da Educação para dar respostas mais assertivas, colocaram-se como os maiores desafios para os atores educacionais.

Palavras-chave: alfabetização; ensino remoto emergencial; prática docente

Introdução

Em 2020 a pandemia desencadeada pela disseminação do vírus Sars-CoV-2 afetou toda a sociedade e, conseqüentemente, a educação. Uma das ações emergenciais tomadas pelos governos do mundo todo foi o fechamento das escolas em meados de março. Essa ação deslocou as rotinas escolares para o ambiente doméstico, na maioria das vezes, sem condições estruturais mínimas para isso, e levou professores a buscarem alternativas - também em caráter emergencial - para dar continuidade aos processos de ensino em espaços informais.

O DataSenado informou que, até julho/2020, cerca de 20 milhões de brasileiros tiveram aulas suspensas em função da pandemia (34,78% do total de alunos matriculados na

Educação Básica e Superior). No decorrer do ano, 28,6 milhões de alunos da Educação Básica passaram a ter aulas remotas (CHAGAS, 2020, p. 13).

Assim, as palavras de ordem passam a ser “fique em casa”, EAD, ensino remoto emergencial, aulas síncronas ou assíncronas, plataformas digitais, gravações etc. Os educadores foram surpreendidos por uma avalanche de novas exigências, adaptação de seus planejamentos ao tempo e espaço, desafios que tinham que vencer para manter o vínculo entre professores, crianças e suas famílias.

O objetivo deste texto é refletir sobre os principais desafios enfrentados por alfabetizadoras com o ensino remoto emergencial.

Interação e prática pedagógica na pandemia

A alfabetização aqui postulada se insere em uma perspectiva sociocultural, a partir da compreensão da tese vigotskiana da natureza social do desenvolvimento humano (VIGOTSKI, 2000). Nesta, o desenvolvimento infantil é marcado por um processo de transformações de competências que emergem e se diferenciam no plano intersubjetivo, depois internalizadas para o intrasubjetivo, sempre balizadas pelas ações do sujeito mediadas pelo outro. Destaca-se aí o papel da interação no desenvolvimento e aprendizagem da criança e, portanto, do professor como figura essencial, por representar um elo intermediário entre o aluno e o conhecimento disponível no contexto social.

Dentre outras aprendizagens e interações possíveis, crianças a partir de 6 anos estão na escola para serem alfabetizadas, conseqüentemente, apropriarem-se da cultura que se constrói na relação com a escrita, aprendendo a função e a funcionalidade dessa modalidade de linguagem com vistas ao uso social, histórico e crítico. Processo bastante complexo que, a depender das condições de ensino, aprendizagem e interações proporcionadas, pode ser mais rápido ou não, mais ou menos eficaz e, sobretudo, abrir ou não possibilidades de novas apropriações culturais.

Na pandemia, a interação sofreu profunda mudança: a professora que presencialmente, numa mirada só, avaliava quem estava acompanhando as explicações, disperso, com dificuldade em resolver ou já concluía as tarefas, precisou adaptar seu planejamento para o ensino remoto. Nesse contexto, a docente se viu na emergência de implementar estratégias de interação envolvendo aulas síncronas, via câmeras de celulares ou computadores, e assíncronas, em que vídeos com explicações, leituras, histórias e tarefas são enviados a alunos e/ou familiares assistirem quando e se tivessem condições. Ou, ainda, tarefas escritas são enviadas para que sejam resolvidas em casa, contando com a sorte de ter alguma pessoa disponível para orientação dos pequenos. O grupo de alunos fragmentou-se, a visão de conjunto da turma esfalçou-se, a interação mudou de configuração.

Contornos da pesquisa

Os dados aqui discutidos advêm de pesquisa interinstitucional organizada pela Rede de Alfabetização e registrada na Plataforma Brasil, n. 36333320.0.0000.5151 (EM REDE, 2020). Esse coletivo é composto por 117 pesquisadores pertencentes a 28 IES brasileiras e coordenado por Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (UFSJ).

A coleta de dados deu-se via questionário no *Google Forms*, com vistas a uma

pesquisa *on-line* de tipo *survey*, direcionado a professores da educação infantil e ensino fundamental/anos iniciais. O instrumento, disponibilizado entre junho e setembro/2020, continha 34 questões distribuídas em dois focos: alfabetização durante a pandemia e recepção da Política Nacional de Alfabetização (PNA).

A amostra constituída a partir dessa coleta somou 14.730 respondentes, distribuídos por todas as regiões do país. Os dados do Estado que analisamos, situado na região Centro-Oeste, correspondem a 551 respostas (3,7% do corpus).

A população respondente é oriunda de 127 municípios; composta em sua maioria (94,7%) de pessoas do sexo feminino; com pós-graduação *lato sensu* (76%), seguido de graduação (15%) e de mestrado (8%).

A análise sistematiza as respostas à questão: “Para você, quais os maiores desafios do ensino remoto na alfabetização?”.

Tabela - Desafios do ensino remoto na alfabetização

Para você quais os maiores desafios do ensino remoto na alfabetização?	Respostas	%	Acum
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas	64	12%	64
Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais	48	9%	112
Não se aplica	38	7%	150
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais	37	7%	187
Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas	23	4%	210
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, Tenho pouco retorno dos alunos com relação às atividades que proponho, Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais	20	4%	230
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, Tenho pouco retorno dos alunos com relação às atividades que proponho	17	3%	247
Tenho pouco retorno dos alunos com relação às atividades que proponho	17	3%	264
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais, Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas	13	2%	277
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas	13	2%	290
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, Os alunos apresentam dificuldade de acesso aos materiais disponibilizados, Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais, Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas	12	2%	302
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, A falta de suporte material e pedagógico da sua rede, Tenho pouco retorno dos alunos com relação às atividades que proponho, Os alunos apresentam dificuldade de acesso aos materiais disponibilizados, Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais, Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas, Tenho dificuldades de planejar atividades, de modo que atinjam os objetivos esperados	10	2%	312
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, Tenho pouco retorno dos alunos com relação às atividades que proponho, Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas	10	2%	322
Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais, Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas	10	2%	332
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, Os alunos apresentam dificuldade de acesso aos materiais disponibilizados, Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais	9	2%	341
Os alunos apresentam dificuldade de acesso aos materiais disponibilizados	9	2%	350
Tenho dificuldades de planejar atividades, de modo que atinjam os objetivos esperados	9	2%	359
A falta de suporte material e pedagógico da sua rede	8	1%	367
Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas, Tenho pouco retorno dos alunos com relação às atividades que proponho, Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais, Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas	8	1%	375
Os alunos apresentam dificuldade de acesso aos materiais disponibilizados, Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas	8	1%	383
Demais Respostas	168	30%	551
Total Geral	551		

Fonte: Pesquisa Alfabetização em Rede (2020)

Essa questão permitia que os respondentes assinalassem mais de uma alternativa. Os dados foram agrupados nas categorias: realização de atividades pelos alunos; demanda de apoio das famílias; acesso à internet e equipamentos eletrônicos.

A análise se pauta em uma perspectiva sociodiscursiva de alfabetização ancorada nas obras de Smolka (1988; 2017) e Goulart (2019).

Realização de atividades pelos alunos

“Conseguir que os alunos realizem as atividades propostas” está no topo da lista dos desafios do ensino remoto, com 64 respostas (12%) do corpus. No entanto, esse mesmo desafio aparece combinado a outros, somando mais 159 respostas (27%), o que totaliza 39%. Muitas professoras afirmam, ainda, ter pouco retorno dos alunos em relação às atividades propostas, ser grande a dificuldade com atividades que demandam a ajuda dos pais e o acesso aos materiais disponibilizados.

Nota-se um direcionamento dos desafios/dificuldades à família e suas condições socioeconômicas e/ou alunos. No entanto, algumas respostas consideram lacunas existentes nas redes de ensino (falta de suporte material e pedagógico –1%) ou na própria prática (dificuldade de planejar atividades, de modo que atinjam os objetivos esperados –2%).

Tratando-se de crianças em processo de alfabetização, que necessitam de acompanhamento para a realização de tarefas, dados tão precários da devolutiva das atividades propostas levam-nos a problematizar como se daria essa alfabetização sem interação professora-alunos e alunos-alunos.

Se acreditamos que a interação e o diálogo são constitutivos e constituidores do fazer pedagógico na alfabetização, pois, “é com a linguagem que organizamos nossas vidas e é com a linguagem que se constituem as atividades escolares” (GOULART, 2019, p. 19), como avaliar os desafios e, em especial, os impactos de uma interação professor-aluno atravessada por um terceiro elemento, representado pelos meios eletrônicos ou um familiar? É possível “conhecer e observar os meios/modos das crianças se relacionarem com a escrita no contexto da sociedade letrada” (SMOLKA, 2017, p. 25), longe de seus gestos, suas palavras, seus comentários e do produto de um momento de aprendizagem e experimentação com a escrita?

Demanda de apoio das famílias

Como argumentamos, na realidade imposta pela pandemia as relações interpessoais foram muito afetadas. A tela passou a ser espaço para o encontro entre professores e alunos e, esses, com seus pares. A família teve de assumir a orientação e realização das atividades escolares, desempenhando um papel muito mais desafiador daquele que já lhe é atribuído.

Sabemos que a família constitui parte importante no processo de ensino-aprendizagem, mas, na atualidade, o comprometimento familiar com a educação se faz ainda mais necessário. Na contramão, deparamo-nos com um quadro que contabiliza 11 milhões de brasileiros analfabetos, com idade de 15 anos ou mais^[1].

Assim, refletimos sobre uma das alternativas de maior expressividade na questão em análise: “Os alunos apresentam dificuldades com as atividades que demandam apoio dos pais”. Para 167 respondentes, essa dificuldade se configura como um dos desafios do ensino remoto, totalizando 30,4% das respostas.

É notório que as atividades de alfabetização demandam apoio familiar e, quando feitas remotamente, exigem ainda mais auxílio, já que as crianças estão iniciando esse processo. Mas, como exigir da família o atendimento a essa demanda, frente ao cenário que temos vivido? Como delegar a ela a tarefa de alfabetizar?

A alfabetização é uma etapa desafiadora e exige práticas pedagógicas atentas à criança em seu contexto e necessidades de aprendizagem e, portanto, carece da intervenção efetiva do

professor, ainda que a família acompanhe. Assim, tais práticas precisam visar o estímulo à criança que está diante da tela, alfabetizando-a, mesmo na ausência do convívio escolar.

Coadunamos com Soares (2020, 119 - grifos da autora) na compreensão de que, na alfabetização, “[...] o foco **não deve ser o ensino** (o ‘método’), mas **a aprendizagem, o como a criança aprende**” e, portanto, a responsabilidade do professor no “como devo ensiná-la a ler e a escrever?” (Idem, p. 57) se soma à responsabilidade da família em participar desse processo.

Acesso à internet e equipamentos eletrônicos

Tomando como ponto de análise o acesso a equipamentos/materiais/internet, verifica-se que, dentre os 551 respondentes, 107 assinalaram: “Os alunos não dispõem dos equipamentos necessários para realizar as aulas”, sendo que 23 deles (4%) indicaram apenas esse item e 84 combinaram essa resposta com outras que também remetem aos alunos.

Sobre o cenário de inclusão digital de crianças e adolescentes no Brasil, uma pesquisa realizada pelo Cetic.br entre outubro/2019 e março/2020 detalha:

Em um cenário pré-pandemia, 16,5 milhões de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos viviam em domicílios com condições limitadas de acesso à Internet (sem qualquer Internet ou com velocidades de download abaixo de 4 Mbps). O telefone celular seguiu predominante como o dispositivo de acesso à rede, dado que foi utilizado por quase a totalidade das crianças e dos adolescentes conectados (95%). [...] A pesquisa evidencia também que a maioria das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos não dispunha de computadores em casa em 2019 (15,5 milhões), de qualquer tipo: de mesa, portáteis ou tablets. (2020, p. 23-24)

Com o ensino remoto emergencial, muitas famílias se viram obrigadas a instalar internet em suas casas e os dados coletados na mencionada pesquisa sofreram alterações. No entanto, muitos estudantes continuam sem acesso aos recursos tecnológicos.

Um fator que aprofunda a exclusão digital e agrava as precárias condições de ensino e aprendizagem é o impacto financeiro da pandemia em milhares de lares, privando homens e mulheres de manterem a alimentação básica, aluguel e outras necessidades mínimas. Em tais condições, a aquisição de equipamentos e internet (requisitos básicos para o ensino online) são impensáveis.

Somando-se a isso, um grupo menor de participantes (10 ao todo) trouxe para si essas questões ao assinalar: “A falta de suporte material e pedagógico da sua rede” e “Tenho dificuldades de planejar atividades, de modo que atinjam os objetivos esperados”.

As respostas governamentais para minimizar a exclusão digital, por exemplo, e viabilizar recursos para que estudantes e docentes disponham de condições básicas para o ensino remoto emergencial são lentas e desarticuladas. O Ministério da Educação até o momento restringiu-se a autorizar essa modalidade de ensino enquanto durar a pandemia.

Considerações

Os dados analisados evidenciam desafios no processo de ensinar e aprender e os fatores se entrelaçam, visto que a interação passa a ser mediada por equipamentos digitais (nem sempre presentes ou condizentes com as necessidades), a dependência do apoio de familiares (muitas vezes sem condições de prestar auxílio devido à falta de tempo, conhecimentos e/ou habilidades) e o próprio desempenho docente (impelido a aprender e viabilizar uma prática que oportunize a aprendizagem dos estudantes em um contexto de emergência e com dificuldades de toda ordem, como o domínio tecnológico e infraestrutura em seu ambiente doméstico, que se confunde com o espaço de trabalho). Nesse cenário, as secretarias e o Ministério da Educação têm se mostrado pouco eficazes e letárgicos.

Referências

CHAGAS, Elisa. DataSenado: quase 20 milhões de alunos deixaram de ter aulas durante pandemia. 12/08/2020. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso: 29/05/2021.

CETIC.BR. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2019**. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123093344/tic_kids_online_2019_livro_eletron

EM REDE, A. Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia COVID-19 - relatório técnico (parcial). **Rev. Bras. de**

Alfabetização, n. 13, p. 185-201, 3 dez. 2020. Disponível em:

<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/465>. Acesso 27/04/2021

GOULART, C. Para início de conversa sobre os processos de alfabetização e de pesquisa. In: GOULART, C.; GARCIA, I.H.M.; CORAIS, M.C. (orgs.) **Alfabetização e discurso: dilemas e caminhos metodológicos**. Campinas: Mercado de Letras, 2019, p. 13-45

SMOLKA, A.L. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1988

SMOLKA, A.L. Da alfabetização como processo discursivo: os espaços de elaboração nas relações de ensino. In: GOULART, C.; GONTIJO, C.M.M.; FERREIRA, N.S de A.

Alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita. São Paulo: Cortez, 2017, p. 23-45

SOARES, M. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

[1]

Dados divulgados pelo IBGE/Pnad - Contínua Educação, disponíveis em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>. Acesso em 09/06/2021